

Mostra Oficial da 9ª EGBÉ apresenta panorama do cinema negro contemporâneo brasileiro

Seleção apresenta obras que atravessam cotidiano, memória, afeto e futuridade em cinco sessões temáticas



Foto: Still do curta “A minha saudade num retrato eu guardei”, dir. Mony Mendonça

A Mostra Oficial da 9ª EGBÉ – Mostra de Cinema Negro integra a programação do evento, realizado de 11 a 18 de abril de 2026, em Aracaju (SE), e apresenta 20 filmes de curta-metragem produzidos em 11 estados brasileiros. A seleção foi definida a partir de 174 obras inscritas de todo o país, evidenciando a amplitude e a diversidade da produção recente do cinema negro contemporâneo no Brasil.

Organizada em cinco sessões temáticas, a Mostra articula diferentes experiências estéticas e narrativas que atravessam memória, cotidiano, espiritualidade, tecnologia e fabulação política. Os filmes operam entre documentário, ficção e experimentação formal, tensionando linguagens e disputando imaginários a partir de perspectivas negras, territoriais e coletivas.

Na sessão “Cotidianos em Estado de Invenção”, obras como *Praia das Artistas*, de Rosy Nascimento (RN), e *Samuel foi trabalhar*, de Janderson Felipe e Lucas Litrento (AL), partem de rotinas marcadas por exaustão e precarização para construir deslocamentos poéticos. Em *Redestina*, de Mayara Mascarenhas (MG), a reinvenção do destino emerge como gesto radical, enquanto *Comigo Ninguém Pode*, de Madlene Delfino (AL), tensiona os limites entre arte, trabalho e vida cotidiana.

Já em “Corpo, Memória e Reconstrução”, o cinema atua como prática de reinscrição histórica. *Da Pele Prata*, de Safira Moreira (RJ), articula arte, espiritualidade e identidade a partir da criação de joias ligadas aos orixás, enquanto *Acupe*, de Rafa Martins (BA), investiga festas populares como territórios de memória e conflito. Em *O Sonho de Anu*, de Vanessa Kypá (PB), sonho e ancestralidade operam como caminhos para reimaginar presenças negras e indígenas no Brasil. A sessão inclui ainda *Vermelho de Bolinhas*, de Renata Fortes e Joedson Kelvin (CE), que revisita camadas de violência, religiosidade e construção simbólica em torno da memória de Benigna Cardoso.

A sessão “Amor é Ação” desloca o afeto para o campo político. Em *Calmon*, de Joyce Prado (SP), relações entre avó, mãe e filha atravessam tempo e ausência, em um filme que ganha dimensão ainda mais significativa após o recente falecimento da diretora. *Em busca da riqueza (quase) esquecida*, de Naira Soares (BA), constrói uma narrativa sobre memória quilombola e transmissão entre gerações, e *Donas da Cultura Popular – Madá*, de Davi Cavalcante (SE), apresenta um retrato íntimo de uma mestra da cultura popular sergipana. A sessão inclui ainda *A minha saudade num retrato eu guardei*, de Mony Mendonça e Julie Santos (SE), que também mobiliza vínculos familiares, memória e reconciliação.

Em “Novas Encruzilhadas”, os filmes enfrentam dilemas contemporâneos e futuros possíveis. *Ainda escuto o céu embaixo d’água*, de Alice Lovelace, Céuva, Kalina Flor, Lua de Kendra, Marina Bonifácio, Morgana Neves, Nara dos Santos, Pérolla Negra e Samantha de Araújo (AL), aciona fabulação, desejo e suspensão como forma de imaginar outras existências. *Entre nós, vive o rio*, de Day Rodrigues (SP), articula espiritualidade e crise ecológica, e *Rapsódia em Azul*, de Marina Barancelli (PR), tensiona racismo e exotização no campo da dança. *E seu corpo é belo*, de Yuri Costa (RJ), revisita o universo das festas black dos anos 1970 em uma abordagem que cruza musical, romance e terror.

A sessão “Tecnologias Pretas” propõe a tecnologia como campo de memória e invenção. Em *Oriranti*, de Petyta Reis (SP), uma neurocientista confronta traumas raciais ao acessar suas próprias memórias, e *Sertão 2138*, de Deuilton B Junior (PE), projeta futuros distópicos atravessados por escolhas éticas e deslocamentos. *A Sombra de Um Futuro*, de Gabriel Borges (PR), conduz uma investigação sobre imagens, ausência e imaginação, enquanto *Não é exatamente amor*, de Janaína Santos Vasconcelos (SE), mobiliza fotografia, cidade e fabulação como dispositivos de memória.

As sessões são acompanhadas de debates com realizadores e convidados, ampliando a experiência para além da exibição e consolidando a Mostra como espaço de escuta, circulação de pensamento e encontro entre público e artistas. A curadoria é assinada por Jéssica Maria Araújo, Angela Silva de Jesus (Alekole), Beatriz Vilela e Izabel Melo, profissionais que atuam na interseção entre crítica, pesquisa e realização, estruturando a Mostra Oficial como um campo de experimentação estética e política no cinema brasileiro.

Com o tema “A contribuição das mulheres negras no audiovisual brasileiro”, a 9ª edição da EGBÉ encontra na Mostra Oficial uma de suas expressões centrais ao reunir filmes que, em diferentes chaves estéticas e narrativas, dialogam com questões de memória, território, afeto, imaginação política e fabulação de futuros.

Serviço

Mostra Oficial – 9ª EGBÉ – Mostra de Cinema Negro

Data: 11 a 18 de abril de 2026

Local: Aracaju (SE)

Entrada gratuita

Mais informações: <https://egbecinemanegro.com.br/>